

O poder da comunicação, da livre-expressão e da resistência como sinônimo de desenvolvimento psicossocial e encontros humanos

Ricardo Rentes
rickrentes@hotmail.com

Psicólogo de orientação Psicanalítica, Especialista em Saúde Mental e Justiça pelo Hospital de Custódia do complexo Juquery, Especialista em Psicopatologia e Saúde Pública pela USP, Mestre em Ciências Humanas, Sociais e Criminologia pela UFP do Porto – Portugal, Supervisor Clínico e Analista Institucional, Professor Orientador do Curso de Especialização em Políticas Públicas e Socioeducação pela Escola Nacional de Socioeducação – Brasília – DF, Professor do Curso de Especialização em Saúde Mental, Stress e Dependência Química / Psiquiatria pela Faculdade Paulista de Serviço Social, Consultor e Supervisor em instituições como: SAICA (Serviço de Acolhimento Institucional de Crianças e Adolescentes), MSE – (Medida Socioeducativa para Adolescentes em conflito com a Lei), SPVV - Serviço de Proteção a Vítimas de Violência, R.I. (Residência Inclusiva de acolhimento de jovens e adultos em condições especiais) CAPS (centro de atenção psicossocial) e SRT (serviço de residência terapêutica), Sócio Fundador e Editor da Revista Científica Pathos - Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia.

Hoje, dia 01 de janeiro de 2019, começarei essa conversa, na tentativa de estabelecer um diálogo entre o Outro e o Nós, tendo como palco e cenário o desenvolvimento local, sua comunicação, livre-expressão e o desaparecimento dessa como resultado da exclusão. Tal tema me impacta e me convoca no sentido ético de minha existência, principalmente diante de perigos políticos aos quais estamos sujeitos a partir do ano de 2019.

Muitos talvez diriam, equivocada e superficialmente, como a reprodução do som de um papagaio, que tais palavras não passam de “*mi-mi-mi*”, que não é o momento de se fazer resistência e outros tantos diriam, sem nenhum embasamento teórico, empírico, ético e político, que tal texto se trata de uma ideologia Marxista ou ainda Petista. Nesses últimos tempos temos ouvido acerca de diversas manifestações sociais tal reprodução desse tipo de discurso, em escala extremamente crescente, excludente e alienante.

Se partirmos do ponto de que o fenômeno da comunicação, da livre-expressão e das manifestações, como por exemplo o movimento *#Elenão*, denotam uma expressão pública de resistência ao retrocesso, um rico e vasto campo de saberes sociais e ideológicos, dos quais, infelizmente, muitos não se dão conta, hostilizando e se incomodando com tal liberdade e divergência de opiniões, tornando-se dessa forma, indivíduos sociais comunicáveis, estáticos e retrógrados, desconsiderando o princípio básico constitucional de um Estado democrático.

O risco do isolamento e da não existência social pode se tornar uma constante em nosso cotidiano a partir do momento político que estamos vivendo, uma espécie de censura manifesta ou latente que nos convidaria ou convocaria a deixar de falar, a não se expressar, a ter medo de sermos quem somos. Podemos reconhecer tal momento não só como a nova mordaza, mas também como a nova cegueira, que na verdade deixa de ser tão nova ao percebermos que tantos indivíduos ainda insistem, por exemplo, em negar os horrores das guerras, em especial a era fascista/nazista e os períodos das ditaduras.

. Com isso, tal realidade faz com que a alienação seja utilizada por essas pessoas e as vezes até por nós, como a principal ferramenta na luta pelo processo de desenvolvimento. Por mais estranho e controverso que possa parecer, para a sobrevivência defensiva do Eu, do Nós; o Outro deve, da forma mais imperativa e cruel, deixar de existir.

Um dos resultados de tal catástrofe é o não desenvolvimento social e comunitário, produzindo sujeitos sem voz e sem direito de escuta. Não há mais o que dizer nem o que ouvir, nem o que mostrar e muito menos o que olhar. O vazio se instaura e o desenvolvimento enfraquece ou permanece maquiado, disfarçado de algo bom, revolucionário, inovador e pronto para resolver todos os problemas atuais. Temos a chegada e a criação de um verdadeiro mito? De um homem mágico e milagroso?

O ser humano possui a tendência, benéfica ou não, de criar aquilo que deseja. Dessa forma, horrorizados ou não poderíamos dizer que Jair Bolsonaro é uma criação nossa!... Sim, muitos ficariam arrepiados com tal afirmação, eu por exemplo, outros, talvez tão falsamente onipotentes como o dito “mito”, gostariam da ideia. De qualquer forma, seria interessante entender o por que de tal criação. Cansados de sofrer, como uma fuga desesperada para a fantasia, buscamos de forma imediatista e imatura uma maneira de resolvermos os nossos conflitos, sejam eles subjetivos ou concretos.

Para tanto, como depositários da angústia, preciso buscar os responsáveis pelo nosso sofrimento, aqueles que me prejudicam ou me ameaçam. Surge então, para muitos, alguém que diz que irá acabar com os problemas, que eliminará aquilo que nos assusta e nos incomoda. O resultado de tal atitude é o surgimento e o reforço de uma espécie de paranóia, ao que o outro, diferente de mim, passa a ser o nosso bode expiatório.

Falácias desumanas são propagadas, como por exemplo, de que as minorias cresceriam e roubariam os espaços públicos, que desejam privilégios e não direitos iguais, de que a ideologia de gênero transformaria e influenciaria crianças, de que o falso e perigoso poder representado por uma arma de fogo resolveria os problemas da criminalidade, de que o ambiente escolar ausente de sua potencialidade crítica e social diminuiria o risco do surgimento de novas pessoas de esquerda, que a solução seria entrar nas favelas e sair atirando, entre tantos outros equívocos absurdos... Parece que a lei do extermínio impera em tais pensamentos, bem como a guetificação e exclusão. Nesse hora, podemos recorrer ao que Bauman (2001) aponta ao fazer um paralelo entre o surgimento dos Guetos, o Crime e a Pobreza, vejamos:

A guetificação é paralela e complementar à criminalização da pobreza; há uma troca constante de população entre os guetos e as penitenciárias, um servindo como grande e crescente fonte para a outra. Guetos e prisões são dois tipos de estratégia de prender os indesejáveis ao chão, de *confinamento e imobilização*. (...) Prisões são guetos com muros, e os guetos são prisões sem muros. Diferem entre si principalmente no método pelo qual seus internos são mantidos no lugar e impedidos de fugir. (Bauman, 2001, pp. 109 e 110).

Se pensarmos em grandes comunidades de sucesso, centros urbanos de referência, organizações locais, a premissa é o reconhecimento do outro e de suas dificuldades, a igualdade de oportunidades, o mapeamento dos gaps, das lacunas e principalmente o reconhecimento de suas potencialidades. Quando digo reconhecimento, estou referindo-me a um ser humano que se sente desejado no olhar do outro, aquele que é validado e entendido como parte daquele local, com papéis singulares subjetivos e sociais a desenvolver, como um cidadão possuidor de sua própria vida e de sua própria história.

Aqui, a dádiva muitas vezes é o direito de responsabilizar-se, de responder por si e pelo outro enquanto espírito de coletividade, independente da situação, seja ela prazerosa ou não, pois a vida é feita do bom e do mau e a tentativa de extermínio de um implicaria automaticamente na eliminação do outro.

Dessa forma a mágica solução do extermínio maniqueísta do dito ruim nos levaria a uma falsa ideologia de sustentação hegemônica do bem, ou seja, viveríamos uma dura e cruel mentira.

Seria hipocrisia de minha parte afirmar que com tal atitude de reconhecimento do outro a exclusão desapareceria. O que acontece é justamente o contrário, ela se mostra aos nossos olhos, da forma que é, real, viva, contraditória e cotidiana. A exclusão deixa de ser escondida, reconhecemo-la como parte do nosso dia a dia, do nosso meio, surge então um início de comunicação entre o privado e o coletivo.

Esse é para mim um dos pontos nevrálgicos, pois a partir daí podemos pensar em uma possível comunicação com aquilo que outrora eu, nós e quase todos, por vezes escondíamos, rechaçávamos e evitávamos. A comunicação e o desenvolvimento psicossocial tem chance de ocorrer e de ser bem sucedido. Agora existe o Outro, por vezes preconceituosamente visto como feio, diferente, desajustado, mas real, gostemos ou não. Com isso, esse outro é passível de senti-lo, entende-lo e dialoga-lo. O desenvolvimento tem mais chance de ocorrer, pois tal realidade deixa de ser só do outro e passa a ser minha também. Deixo de me preocupar somente comigo, com a minha pizza e com o meu filme no *Netflix*.

Sou convidado a olhar inicialmente para fora, para esse outro. Tenho medo! Não quero! Evito! Desejo parar e voltar! Porém percebo que o meu vizinho, como leitores desse texto, talvez comecem o olhar também para tal realidade e me encorajo; não me sinto mais tão só! Vivo agora em comunidade... É válido trazer o significado do termo Comunidade segundo Bleger (1984) ao que o mesmo nos diz:

Uma comunidade se define como um conjunto de pessoas que vivem juntas, no mesmo lugar e entre as quais há estabelecidos certos nexos, certas funções em comum ou certa organização. Quer dizer que no conceito de comunidade intervêm duas características fundamentais: a geografia e a funcional. A primeira se refere a um certo espaço no qual transcorre a vida dos seres humanos; a segunda se refere aos aspectos que lhe dão certo grau de coesão, de inter-relação e unidade (1984, p.83).

Já para Bauman (2001), a existência do senso de comunidade está diretamente ligada a distribuição de renda, igualdade e equidade, fato esse infelizmente não muito presente em nossa sociedade brasileira. Segundo o autor, os ditos poderosos e bem-sucedidos não estão dispostos a abandonar a visão de meritocracia, pois dessa forma estariam abrindo mão do privilégio que tanto prezam. “Para poderosos e bem-sucedidos o desejo de dignidade, mérito e honra, paradoxalmente exige a negação da comunidade” (p. 57).

Depois de algum tempo, autorizado a viver o espírito de comunidade e olhando para fora, percebo que na verdade estou olhando para dentro, aquele que ali se apresenta; por mais que eu não queira, é parte de mim. Ajudei a construí-lo e terei agora, como responsabilidade social e ética, que ajudá-lo novamente nessa reconstrução. Base essa desenvolvida e sustentada em nossa Constituição Federal 1988.

Com isso fica impresso o desafio de ressignificar para ser então ressignificado, de não coisificar para não ser coisificado. Podem chamar isso de resistência ou de qualquer outra coisa. Sim, lutaremos enquanto for necessário, resistiremos quando nos sentirmos ameaçados. Ficaremos de olho para que nenhum passo seja dado para trás no quesito garantia de direitos, ficaremos de olho para não perdermos aquilo que duramente conquistamos, ficaremos de olho e exigiremos uma governabilidade para todos e não apenas para alguns. Talvez a representatividade será algo difícil, por questões éticas, morais e por visões de mundo e de homem extremamente distintas, mas independente dessa variedade de pensamentos, o direito deverá ser garantido a todos.

Um homem brasileiro chamado Adélio Bispo de Oliveira no dia 06 de setembro de 2018, tentou do jeito que podia, se defender e acabar com aquilo que provavelmente entendia como o mal que o perseguia. Entendeu o recado do candidato atacado, empunhou em suas mãos a arma que dispunha para resolver seus problemas. Poderíamos dizer que o aluno tentou superar o mestre, fazendo valer na prática suas teorias.

Não se trata aqui de uma defesa de Adélio, até porque não possuímos dados plausíveis para tal avaliação e posicionamento. O que nos autorizamos a fazer é a leitura do fenômeno psicossocial que Adélio manifesta.

Quantos de nós internamente não gostaríamos também de combater tamanha violência promovida pelos discursos de nosso futuro presidente? Adélio parece utilizar o recurso que dispunha, obviamente condenável no sentido jurídico, não apoiado, pois possuímos ciência do ato que esse último cometeu, mas ao mesmo tempo é algo altamente compressível no sentido subjetivo e enquanto fenômeno social. Teremos que agora, diferente de Adélio, que fazer valer um outro tipo de força no momento em que nos sentirmos agredidos, violados e desrespeitados. Adélio concretamente agiu sozinho, equivocado na escolha de sua arma de resistência. Nós, ao longo desses 4 anos que estão por vir, precisaremos buscar de forma correta, digna, unida e constitucionalmente aceitável, uma forma de juntos lutarmos por aquilo que acreditamos.

Minha esperança é de sempre encontrar vizinhos, como os leitores desse texto, pois sozinho tenho total certeza de que não conseguirei estabelecer uma comunicação e um direito de livre-expressão saudável e constitucional, muito menos de gerar o tão necessário desenvolvimento local, entendido por mim aqui como saúde pública, garantia de direitos e princípios éticos. Fica aqui o convite, sejam todos bem vindos queridos vizinhos! Força, hoje, força amanhã, força enquanto for necessário! Ninguém solta a mão de ninguém!...

Referências

- Bauman, Z. (2001). *Comunidade – A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar.
- Bauman, Z. (2011) *Danos Colaterais – Desigualdades sociais numa era global*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar.
- Bleger, J. (1984). *Psico-Higiene e Psicologia Institucional*. Porto Alegre: Ed. Artes médicas.
- Rentes, R. (2017). *Os Meninos de Heliópolis e Região: O Ser e Fazer de Adolescentes em Conflito com a Lei e a Sintomática Criminal*. (Dissertação de Mestrado) Universidade UFP, Porto – Portugal.